

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

VITÓRIA MORO BOMBASSARO

CORPOS QUE ATRITAM:
Escritas sobre resistência de uma estudante-professora

PORTO ALEGRE
2017

VITÓRIA MORO BOMBASSARO

CORPOS QUE ATRITAM:

Escritas sobre resistência de uma estudante-professora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

PORTO ALEGRE
2017

À Dinda, pela sabedoria
À minha mãe, pela dedicação
À Leca, pela compreensão e grande coração
À Magnólia, ao Fidel e ao Paçoca, pelo companheirismo
Ao Nani, pela sensibilidade
À Raquel, pelos sorrisos
À Louise, por sempre acreditar
À Lívia, ao Bernard, ao Leo e ao Marcelo, pelo carinho
Ao Luciano e à Rosana e, pela inspiração e paciência
Ao Território Popular, pelo aprendizado
Ao DAIB, pela militância

(...) e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.

Saramago, 2005, p. 207.

RESUMO

Este trabalho pode ser entendido como um exercício do cuidado de si, iniciando no estágio curricular obrigatório de Ciências do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e se expandindo a partir do encontro de um corpo com órgãos com um corpo sem órgãos. Se são de fato dois corpos ou apenas um corpo é uma decisão apenas sua. Porém é preciso ter em mente que tanto o corpo com órgãos quanto o corpo sem órgãos não são opostos. Ambos os corpos são diferentes notas musicais que apenas juntos podem compor uma música. É preciso que haja a organicidade do corpo com órgãos para que seja produzido um corpo sem órgãos. Assim, um corpo atua na superfície do outro, habitando-o, assediando-o, estratificando-o, atravessando-o. Através da cartografia, a história desse encontro leva a três tomos sobre dor e sofrimento vivenciadas enquanto estudante-professora em uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, circundando as violências, o(s) corpo(s) e o(s) tempo(s). Não pretendo sugerir abordagens ou modelos conceituais, mas costurar provocações e propiciar experiência em um percurso teórico-literário enquanto cantora, tendo como referência a contação de histórias, o fluxo e o devir.

Palavras-chave: Cuidado de si. Corpo sem órgãos. Cartografia. Escola. Contação de história.

SUMÁRIO

MIGALHAS DE PÃO	7
FLUIDEZ	10
ENCONTRO DE DOIS CORPOS	12
A TEMPERANÇA	17
TOMO 1: VIOLÊNCIA(S)	22
TOMO 2: CORPO(S)	25
TOMO 3: TEMPO(S)	28
CRIAR ESPAÇO	32
LEITURAS E SENSações: REFERÊNCIAS	36

MIGALHAS DE PÃO¹

Se uma história é uma semente, então nós somos seu solo. O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fossemos a heroína que cede diante das dificuldades ou que as supera no final. Se ouvimos uma história de um lobo, depois disso saímos a perambular e a ter o conhecimento de um lobo por algum tempo. Se ouvimos uma história de uma pomba que afinal encontra seus filhotes, então, por algum tempo depois, algo fica se movendo por baixo do nosso próprio peito emplumado. Se se trata de uma história de resgate da pérola sagrada das garras do vigésimo dragão, sentimo-nos depois exaustas e satisfeitas. Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvidos ao conto.²

O corpo nos conta sua história³. Porém essa história não tem o pacto do compromisso com a verdade que possui um historiador⁴. Ela se faz com uma multidão e também com a solidão. Ela se faz com a presença – no aqui e no agora –, mas também com a ausência – de tomar um banho quente, de lavar uma louça ou só de sentir o vento passando suave pelo rosto entre um parágrafo e outro. “O ato de contar resgata a memória para infinitos encontros que se realizam nas histórias”⁵.

A história que você vai ler fala sobre um encontro entre dois corpos que coexistem e que aceitam o desafio do destino de se abrirem para algo novo. Se são de fato dois corpos ou apenas um corpo é uma decisão apenas sua. Porém é preciso ter em mente que tanto o corpo com órgãos quanto o corpo sem órgãos não são opostos. Ambos os corpos são diferentes notas musicais que apenas juntos podem compor uma música. É preciso que haja a organicidade do corpo com órgãos para que seja produzido um corpo sem órgãos. Eles são paradoxalmente indissociáveis e inconciliáveis: o corpo com órgãos detém o corpo sem órgãos e o corpo sem órgãos desmancha o corpo com órgãos⁶. Assim, um corpo atua na superfície do outro, habitando-o, assediando-o, estratificando-o, atravessando-o.

¹ <https://goo.gl/THkmpd>: Este *link* leva à uma *playlist* que contém 32 vídeos que estão sinalizados individualmente ao longo do texto. O objetivo dos vídeos é sensibilizar, proporcionando pistas auditivas e visuais para um significado conjunto com as palavras escritas.

² ESTÉS, 2014, p. 434

³ **Vídeo 1**: <https://goo.gl/knWb5t>

⁴ PESAVENTO, 2003; COSTA, 2014.

⁵ MAIRESSE, 2003, p. 267.

⁶ ROLNIK, 1997b.

O território do encontro aconteceu em uma escola pública estadual de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre na época do meu estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Contudo, posso dizer que esse território se estendeu também aos diversos ônibus, aos trens, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a vários outros espaços que meus pés pisaram durante este tempo.

Hoje pensar na escola remete-me a uma construção abandonada, com o mato crescendo atrás das janelas quebradas; o medo e a beleza coexistem harmoniosamente. Algumas das histórias por trás destes pilares carcomidos intrigam-me, outras me dão repulsa. Há também as histórias que me enchem por dentro, dando a sensação de que nem tudo está perdido⁷. As escolas provocam-me um misto de simpatia e ojeriza, propício para um bom encontro⁸.

O cuidado de si trabalhado não tem pretensão de se deter a um determinado momento histórico específico, mas aglutinar o que me pareceu ser interessante sobre essas práticas e construir uma nova aplicação e significação para o hoje e o agora.

Do encontro desses dois corpos, bastante diferentes entre si, três experiências vieram à tona descritas em três tomos: as violências, o(s) corpo(s) e o(s) tempo(s). “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”⁹. As experiências são irrepetíveis, com um agradável tom de ser sempre a primeira vez. Elas se abrem para o desconhecido, para o que não se pode antecipar¹⁰. Cada tomo é singular, ao mesmo tempo que interligado aos outros e aos corpos. Eles podem ser pensados

⁷ **Vídeo 2:** <https://goo.gl/3reG8s>

⁸ **Hora 1 de poesia no rodapé:** “Uma sala de estar é uma peça na qual há um sofá; uma sala de jantar é uma peça na qual há uma mesa e cadeiras; uma sala de jogos é uma peça na qual há cartas de baralho; uma sala de chá é uma peça na qual há quitutes e, às vezes, senhoras a conversar; uma sala de espera é uma peça na qual há pessoas esperando; uma sala oval é uma peça na qual as coisas não se acomodam direito; uma sala de festas é uma peça na qual há balões; uma sala escura é uma peça na qual se fazem revelações; uma sala de teatro é uma peça na qual há personagens; uma sala comercial é uma peça na qual há lucro; quando há prejuízo, chama-se sala para alugar; uma sala de terapia é uma peça onde há minhocas na cabeça; uma antessala é uma peça que antecede outra sala mais importante; uma sala de aula é uma peça na qual há um professor e alunos mesa cadeiras cartas baralhos quitutes senhoras conversas pessoas esperas coisas que não se acomodam direito balões revelações personagens lucro prejuízo aluguel minhocas cabeças antecendência importância professor alunos. Numa sala de aula só não há sofá” (CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 232).

⁹ BONDÍA, 2002, p. 21.

¹⁰ BONDÍA, 2002.

como articulações, reflexões ou territórios cartografados pelos próprios corpos, personagens principais da nossa história.

Somente através da memória pode-se atingir o passado, e este, não existindo como um antigo presente, só se torna possível como produção no presente resgatado pelo imemorial. Assim, é somente a partir de hoje que se pode falar sobre o passado e é implicado no presente e comprometido com o futuro, que se faz valer o passado. Um passado sempre a se refazer no presente.¹¹

O tempo, para nós, terá outra percepção. Perceberemos o tempo “(...) como uma dobra, e não como uma linha estendida, esticada, marcada por pontos aqui e lá”¹². Há de ficar a ideia de passagem, de continuidade, *A História da Eternidade*¹³. A ideia de fim estará sempre distante de nosso eterno recomeçar¹⁴.

Às vezes, estas imagens plenas de elementos, nos colocam diante de um nada absoluto, o nosso nada. Como não é uma narrativa, não há um começo específico, um meio, um fim. Porém, há um momento privilegiado. O momento mágico é aquele onde começa-se as coisas, exatamente aquele momento que estamos vivendo agora. A história começa quando acaba e acaba quando começa. O primeiro elemento de uma série não significa, portanto, o início de tudo, porém pode redimensionar toda a sua sequência. A história está sempre se reconstruindo.¹⁵

Começa a nos parecer óbvio o convite a colocar o celular no modo avião e virar os relógios, esses intrigantes objetos que pretendem segurar o tempo como quem segura água entre as mãos. Assim, a medida do tempo será outra, trocaremos a ampulheta de areia pela ampulheta de livro: cada passagem de tempo será uma página virada.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, *demorar-se nos detalhes*, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, *cultivar a atenção e a delicadeza*, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, *aprender a lentidão*, escutar aos outros, *cultivar a arte do encontro*, calar muito, ter paciência e *dar-se tempo e espaço*.¹⁶

¹¹ MAIRESSE, 2003, p. 267.

¹² TESSLER, 2003, p. 192-193.

¹³ Uma experimentação sensorial do tempo pretendida nesse trabalho pode ser sentida no filme: A HISTÓRIA DA ETERNIDADE. Direção: Camilo Cavalcante, Produção: Camilo Cavalcante, Marcello Ludwig Maia e Stella Zimmerman. [N.I.]: Aurora Cinema; República Pureza, 2015.

¹⁴ **Vídeo 3:** <https://goo.gl/Uqa2FL>

¹⁵ TESSLER, 2003, p. 197.

¹⁶ BONDÍA, 2002, p. 24, grifo meu.

FLUIDEZ¹⁷

O lugar do extravio ignora a linha reta: nele, não se vai, ileso, de um ponto a outro; não se sai, simplesmente, daqui para chegar ali. Cabe, portanto, a cada um inventar suas próprias pisadas, escolher para onde remar seu barco e aprender a identificar qual vento é bom e favorável à sua navegação. E quando há um labirinto no meio do caminho, há de se perder nele. Abrigar-se em suas ruínas. Entregar-se à solidão intrínseca às relações. E andar sob canto que ali entoa o acaso. Há muitos modos de percorrer um caminho, tantos quantos caminhos há.¹⁸

Alguns outros corpos poderiam dizer que essa é uma história sobre invenção, outros ainda diriam ser sobre criação, nós a chamaremos agora de cartografia. Cartografia nos vêm, então, como uma possibilidade de nos experimentarmos em novos espaços e modos de existência¹⁹. Não se pretende analisar dados, representar objetos ou processos, mas acompanhá-los. “Não há nenhuma receita geral. Acabamos com todos esses conceitos globalizantes”²⁰. Pela cartografia, podemos entender os corpos que serão apresentados como multiplicidades à espera de recursos para saírem do conhecido e (re)fazerem suas formas através de devires do mundo. “O que queremos é uma pesquisa que tenha como função a relação de um corpo para outro corpo”²¹. A ênfase dada estará no percurso, não em objetivos pré-estabelecidos²².

¹⁷ **Hora 2 de poesia no rodapé:** “É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo. É preciso aprender. Há dias de sol por cima da prancha, há outros, em que tudo é caixote, vaca, caldo. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, é preciso aprender a persistir, a não desistir, é preciso, é preciso aprender a ficar submerso, é preciso aprender a ficar lá embaixo, no círculo sem luz, no furacão de água que o arremessa ainda mais para baixo, onde estão os desafiadores dos limites humanos. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, a persistir, a não desistir, a não achar que o pulmão vai estourar, a não achar que o estômago vai estourar, que as veias salgadas como charque vão estourar, que um coral vai estourar os miolos – os seus miolos –, que você nunca mais verá o sol por cima da água. É preciso aprender a ficar submerso, a não falar, a não gritar, a não querer gritar quando a areia cuspir navalhas em seu rosto, quando a rocha soltar britadeiras em sua cabeça, quando seu corpo se retorcer feito meia em máquina de lavar, é preciso ser duro, é preciso aguentar, é preciso persistir, é preciso não desistir. É preciso aprender a ficar submerso por algum tempo, é preciso aprender a aguentar, é preciso aguentar esperar, é preciso aguentar esperar até se esquecer do tempo, até se esquecer do que se espera, até se esquecer da espera, é preciso aguentar ficar submerso até se esquecer de que está aguentando, é preciso aguentar ficar submerso até que o vulcão de água, voluntarioso, arremesse você de volta para fora dele” (PUCHEU, 2011, p. 107).

¹⁸ FERNANDES, 2013, p. 63-64.

¹⁹ KIRST et al., 2003.

²⁰ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 168.

²¹ MOLIN; KREUTZ; DORNELLES, 2003, p. 122.

²² COSTA, 2014.

Não se quer aqui estar na margem, sentar à beira e observar o percurso do fluir²³. O convite é para se jogar na água, conduzir o nado em certos momentos e, em outros momentos, se permitir ir flutuando à deriva, mas com prudência para não se afogar²⁴. Mergulharemos junto, “(...) na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações [aqui] produzidas”²⁵.

Sobre a água? Não é transparente ou límpida, é turva, enlameada, para que nos sujemos ao entrar²⁶, sem nojo, sem pensar nas roupas novas ou limpinhas. Por isso mesmo, podemos até pensar nessa água como aquilo que nos suscita uma dimensão crianceira²⁷.

Continuaremos seguindo percurso pela correnteza coletiva, além da individual. Os afluentes serão construídos ao mesmo tempo em que transitarmos por eles. Esse transitar precisa passar pelas marcas feitas num corpo²⁸. A energia é sempre circulante²⁹.

Não faz mal você conhecer ou não, estar preparado ou não, não faz mal que você tenha ou não tenha propriedade para estar ali. A única exigência, aqui, é que você esteja distraído o suficiente para se deixar interpelar. Pois essas coisas só acontecem quando você não as está procurando, só acontecem quando você menos espera. Qualquer lugar é lugar para os encontros.³⁰

O convite está feito: qual o tamanho da sua vontade para ser um amante dos acasos? Tudo que é preciso é estar disponível aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho. É possível inclusive dizer que essa história, como processo eterno que é, assim como a vida, é provisória. Então aproveite enquanto pode, o que pode e como pode.

É isso, este é o momento decisivo de permanecer na leitura ou guiar o corpo até a margem e sair da água.

²³ DELEUZE; GUATTARI, 1997.

²⁴ **Vídeo 4:** <https://goo.gl/ovo3J5>

²⁵ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183.

²⁶ COSTA, 2014.

²⁷ FERNANDES, 2013.

²⁸ LIBERMAN; LIMA, 2015.

²⁹ MOLIN; KREUTZ; DORNELLES, 2003, p. 121.

³⁰ CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 223.

ENCONTRO DE DOIS CORPOS

O desenho quase não podia mais dar conta do contorno do corpo. Um emaranhado de linhas tomou lugar de seus pensamentos. Transformou-se em cortina. Foi preciso abri-la, como quem levanta as pálpebras em uma manhã de sol.³¹

O corpo age, sente e suspira. Pouco pensa neste século em relação ao século passado; tem dificuldade de simbolizar os acontecimentos e as coisas que o atravessam³². E como poderia se seus órgãos estão apodrecendo? Estão duros, presos em suas funções que já nem lembram mais como fazer. Nem o cérebro. Dele só ficou um agito agonizante. Tem pernas, mas não sabe por onde ir. Tem braços, mas também pouco sabe sobre o que fazer com eles. Acaba fazendo tudo no automático. Do movimento repetido, vieram-lhe inflamações: tendinite, artrite, bursite... O sofrimento não sente. Sente apenas dor, fechado sobre si mesmo, sem lugar para o outro no seu mal-estar³³. Isto quando sente, a maioria das dores nem sente mais, acostumou-se. A pele também não sente mais, faz tempo que o arrepio já lhe abandonou. Tem estresse, depressão, déficit de atenção, hiperatividade e síndrome do pânico, de acordo com seu psiquiatra. Às vezes toma um quartinho de doce para encontrar a paz interior, não encontra. Daí fuma um e tem crise de ansiedade. Tem pigarro do cigarro e cheiro de pinga misturada com cerveja³⁴. Como glutão que é, o corpo come sem parar tudo o que lhe colocam na frente. O gosto já não faz mais tanta diferença. Depois de tudo comer, vai à academia para eliminar gordura e ficar com barriga negativa, e sempre justifica dizendo que é para melhorar a saúde. Faz dieta para emagrecer e plástica para continuar jovem³⁵. Pinta o cabelo e faz a unha. Não entende nada da juventude, da velhice e do tempo. É um corpo "(...) do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece"³⁶. O corpo não se encontra mais, o espelho não lhe mostra. Há reflexo sem reflexão³⁷. O espelho mostra alguém de quem não sabe nada e, com medo de se expor, não vivencia. Sobrevive atrás de câmeras fotográficas de

³¹ TESSLER, 2003, p. 197.

³² BIRMAN, 2006.

³³ BIRMAN, 2006.

³⁴ **Vídeo 5:** <https://goo.gl/rdckwb>

³⁵ BIRMAN, 2006.

³⁶ BONDÍA, 2002, p. 23.

³⁷ **Vídeo 6:** <https://goo.gl/Upt3Kn>

celular, com medo da própria imagem no espelho, aquela sem filtro, sem *fotoshop*, aquela que é nua³⁸. Não arrisca³⁹. É um personagem de si mesmo de uma história sem graça com final previsível. Já não se possui, não se cuida. Sente às vezes, como um resquício de qualquer coisa, que precisa fugir disso tudo, mas só sente, sem conseguir pensar no que fazer. A violência é seu alento. Nem percebe mais o quanto ela está presente em si e ao seu redor, não só na ideia de sevícia, de utilização da força ou de intimidação, mas também nas dimensões socioculturais e simbólicas⁴⁰.

(...) a violência do dogmatismo, a violência da hegemonia das formas do senso comum que impedem o aparecimento do novo, anestesiando as singularidades, a violência das discussões políticas vazias de atitudes. ⁴¹

A violência simbólica⁴² é sorrateira, se aproxima e domina fingindo que não sabia de nada, que não era sua intenção, que tudo não passava de uma piada mal apreciada pela audição do corpo. Ela é mais difícil de ser percebida e talvez por isso mesmo perversa⁴³. Sutil e manhosa, agride o corpo sem nem precisar lhe tocar. O corpo por sua vez, vítima que é, “(...) não se dá conta de sua impotência frente a poderes, nem exerce sua capacidade de crítica em relação a tal dinâmica”⁴⁴. Mas bem verdade que também não deixa de ser agressor e usa a violência a seu favor, seja porque lhe convém, seja por costume do que lhe ocorre. Desse modo, o fascismo se faz presente sem ser percebido. O corpo sustenta uma dinâmica de exceção cotidiana, é a urgência incorporada aos hábitos diários. Uma série de pequenas paranoias sem direção definida lhe tomam conta e constituem uma multiplicidade nebulosa de inimigos ocultos. É o microfascismo habitando os pensamentos, as atitudes, o corpo, infiltrado no entre, na invisibilidade, nas pequenas ações⁴⁵.

Um dia, de repente, encontrou-o. Caminhando⁴⁶.

³⁸ **Vídeo 7:** <https://goo.gl/39Ukdt>

³⁹ BRUM, 2013.

⁴⁰ ABRAMOVAY et al., 2003.

⁴¹ SOUSA, 2003, p. 67.

⁴² **Vídeo 8:** <https://goo.gl/X18Chq>

⁴³ **Vídeo 9:** <https://goo.gl/d2AGmF>

⁴⁴ ABRAMOVAY et al., 2003, p. 79.

⁴⁵ FONSECA et al., 2008.

⁴⁶ **Vídeo 10:** <https://goo.gl/gKkNx3>

O acontecimento dá-se por um encontro que desestabiliza um estado de coisas, desterritorializa uma organização subjetiva, uma corporeidade, uma teia de sentidos. Para acompanhá-lo, é preciso ir além do momento de desestabilização ou crise e poder criar novos corpos, ritmos, mundos à altura do acontecimento feito de simultaneidades.⁴⁷

Quando pôs seus olhos não compreendia: era um vazio tão grande... O que não conseguia perceber era que o vazio vinha de seus próprios órgãos, sempre prontos, corretos e meticulosos. Ao outro, nada disso lhe servia – era a ausência que proporcionava tempo e permitia o devir. Tinha aprendido a massagear os próprios órgãos até que lhe fugissem do corpo. Aprendera a criar espaço. Usava sua pele, sua fáschia e sua carne mais profunda para registrar tudo que lhe ocorria⁴⁸. Cozinha e comia o tempo, sempre bem temperadinho. Sua fome fazia-o alimentar-se “(...) de uma espécie de intimidade com o ‘morrer’, o perdido, a finitude e a precariedade de sua perspectiva”⁴⁹. Via valor na “capacidade expressiva para registrar reações imediatas, para ter sentimentos profundos, para pressentir”⁵⁰. Era multilíngue, falava “através da cor e da temperatura, do rubor do reconhecimento, do brilho do amor, das cinzas da dor, do bailado ínfimo e constante, às vezes oscilante, às vezes agitado, às vezes trêmulo”⁵¹. Sempre presente. Falava com o salto do coração, o vazio no centro de seus órgãos e a esperança que o fazia crescer⁵². Sentia os gestos e cheiros como se fosse a primeira vez⁵³. E sofria, como sofria! Como o mundo doía-lhe às vezes. Porém, sabia conversar com essa dor⁵⁴. “Um corpo sem órgãos é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam”⁵⁵. Esse outro corpo que era queria se perder e desprender de sua materialidade⁵⁶. Sua saúde estava no mundo instintivo e também no seio, no ventre, nos quadris, nas curvas e qualquer outra parte onde havia um resquício de pele e neurônios, mas apenas o suficiente para lhe transmitir sensações⁵⁷. Nunca se

⁴⁷ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 187.

⁴⁸ ESTÉS, 2014.

⁴⁹ KIRST et al., 2003, p. 97.

⁵⁰ ESTÉS, 2014, p. 230.

⁵¹ ESTÉS, 2014, p. 230.

⁵² ESTÉS, 2014.

⁵³ **Vídeo 11:** <https://goo.gl/eT18Cs>

⁵⁴ **Vídeo 12:** <https://goo.gl/pejphH>

⁵⁵ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 13.

⁵⁶ KIRST et al., 2003.

⁵⁷ ESTÉS, 2014.

bastava: além do próprio corpo, era preciso sentimentos, ações e também pensamentos⁵⁸. Para esse, não importava o formato, o tamanho, a cor, a idade;

(...) mas, sim, se existe sensação, (...) todo um espectro de sentimentos. Ele tem medo, está paralisado pela dor ou pelo receio? Está anestesiado por traumas antigos? Ou será que ele tem sua própria música? Está ouvindo (...) através do ventre? Está olhando com uma das suas inúmeras formas de ver?⁵⁹

“O corpo sem órgãos é o que resta quando tudo foi retirado”⁶⁰. O que procurava da vida era apenas romper com os sentidos conhecidos⁶¹. O corpo sem órgãos⁶² “(...) é o corpo-semente-devir, caos-germe, por onde os fluxos de intensidades brotam nas veias e entranhas de um corpo que não possui entranhas, divisões, cortes”⁶³.

Ao primeiro corpo, algumas perguntas não conseguiam deixar de existir: “(...) que tipo de corpo é este que se deixa afetar pelo mundo? Que tipo de sensibilidade percorre este corpo para dar conta das intensidades vividas? (...) Que práticas de si seriam possíveis criar para instaurar tal corpo?”⁶⁴.

Os corpos se olham, se tocam, se *reparam*, se *friccionam*⁶⁵. O tempo para para eles, neles. Já haviam se visto antes? A isso não saberiam responder, mas tinham alguma coisa de comum e alguma coisa de muito diferente. Resgatam, então, na arqueologia de suas origens, cada qual sua identidade, mesmo que de forma incipiente⁶⁶. Logo em seguida, com pressa, gritam um de frente para o outro: **ISSO NÃO ME É SUFICIENTE!**

⁵⁸ BIRMAN, 2006.

⁵⁹ ESTÉS, 2014, p. 238.

⁶⁰ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12.

⁶¹ KIRST et al., 2003.

⁶² DELEUZE; PARNET, 1998.

⁶³ MOLIN; KREUTZ; DORNELLES, 2003, p. 127.

⁶⁴ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 184.

⁶⁵ **Vídeo 13:** <https://goo.gl/R54vDr>

⁶⁶ SOUSA, 2003.

O território estende-se além das próprias identidades? “Meu território só termina quando começa este território que *não é o meu*. [do lado de lá, meu *outro* deve pensar o mesmo]”⁶⁷. Cada corpo dá um passo dentro da terra que antes via como sendo do outro. Os corpos avançam com cautela, explorando esse novo território, se afastando cada vez mais do seu centro seguro. Há estranhamento e interesse pelo novo território. Pequenas fissuras começam a se instalar. A fronteira já não é uma linha, mas uma zona turva sem certezas. Ela já não é o ponto de término, ela é “o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”⁶⁸. A fronteira não serve tanto para dividir, mas para ser atravessada.

Como os corpos que brigam por não poderem se tocar de outra forma, esses territórios (...) se batem, e é no embate que estabelecem contato, é no arranhar que eles se abrem e se misturam. Pois a fronteira é isso: Com-*tato*. A fronteira é aquilo que (se) deixa contaminar; ela separa, *sim*, mas sobretudo: ela toca e mistura. Cruzar essa fronteira é uma questão de arte. Às vezes, a linha imaginária toma a forma de um muro farpado, de um forte aparato policial. (...) Transita-se, é verdade, mas quase clandestinamente: pois parece crucial que as coisas que se misturam sejam sempre coisas separadas. O desejo, então, vem de contrabando; pelas frestas, por aquilo que o corpo do outro, sem saber, me oferece, vou encontrando caminhos, vou contornando barreiras.⁶⁹

Os corpos, então, começam a deixar o vício das suas identidades⁷⁰, procuram brechas. Estão excitados com a potência da transformação, do questionamento, com o devir. Eles permitem novas dobras em suas peles, convocam a vibratilidade do olho e ressuscitam a potência criadora da vida⁷¹. As perturbações que um provoca no outro são presenças que vivem a partir da permeabilidade, disponibilidade e possibilidade de suportarem as turbulências produzidas, de engendrarem novos modos que pedem passagem, expressão e invenção⁷². Trata-se do encontro com o outro em sua alteridade.

Então, lhes vem a pergunta spinozista: o que pode um corpo?

⁶⁷ CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 224, grifo dos autores.

⁶⁸ SOUSA, 2003, p. 66.

⁶⁹ CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 225-226, grifo dos autores.

⁷⁰ ROLNIK, 1997a.

⁷¹ ROLNIK, 1997b.

⁷² LIBERMAN; LIMA, 2015.

A TEMPERANÇA

O que faz um corpo sorrir? Por que muitos dos que já foram seus pares um dia na vida, de repente, não são mais? O que faz um corpo se aproximar de outro, sorrir junto e silenciar junto? O que dizer da afeição e da empatia instantâneas, muitas vezes sem nenhum motivo aparente? Por que traz tanta alegria sorrir junto com aqueles para os quais não é necessário explicar, justificar ou se estender nas palavras?⁷³

Sentam numa mesa e se olham firme, um de frente ao outro⁷⁴. O segundo corpo, sem órgãos, tira de sua mochila de couro rasgada um baralho de tarô mitológico. O corpo com órgãos acha bobagem, mas começa a abrir-se em direção a algo ainda sem nome. O corpo sem órgãos embaralha e dá ao outro, para que este corte e retire uma carta. A leitura seria de apenas uma carta, energizada para advertir sobre o futuro, olhando através do passado. Ao toque da mão no baralho, os dois corpos sabiam, apenas sabiam, como numa entrega silenciosa de confiança de quem já se conhece bem o suficiente e a sonorização das palavras já não é necessária. As portas abrem-se.

A carta era *A Temperança*. Os corpos leem junto seu significado:

"Calma, há poderes que operam no universo e em ti e que estão além da tua experiência cotidiana; confia nas correntes mais profundas da vida; deixa-te fluir com elas"⁷⁵. Seja paciente.

A Temperança no Tarô Mitológico é representada pela deusa Iris. O arco-íris representa a renovação, as taças que ela segura representam o sol e a lua e o líquido, que passa de um ao outro, representa a união desses pela fluidez do sentimento e o equilíbrio emocional. Essa carta faz alusão a relacionamentos, visando a união daqueles que são diferentes.

Ela indica um momento de estabilidade emocional que pode ser vivida com mais plenitude. Para isso, deve-se encontrar harmonia e agir com calma, serenidade e um pouco de racionalidade, sem se deixar levar por impulsos. A temperança coloca a vantagem da moderação de apetites e paixões. É necessário discernir o que é realmente importante.

⁷³ FERNANDES, 2013, p. 64.

⁷⁴ **Vídeo 14:** <https://goo.gl/7T6Gxw>

⁷⁵ NICHOLS, 2007, p. 248.

Um alerta: não se deve deixar levar pela passividade demasiada para não perder a intuição que a mente dispõe para nos orientar.

Essa carta indica a capacidade de adaptação e flexibilidade diante das situações, mas será preciso trabalhar para resolver problemas e conflitos causados pela mudança. É essencial procurar novos rumos e soluções a partir de um ângulo nunca experimentado antes.

Olhe para dentro de si, para o conhecimento de si⁷⁶, para encontrar suas respostas provisórias. Saiba cuidar-se. Tudo começa a acontecer diferente a partir da sua mudança interna.

Cuidado de si⁷⁷: precisavam se deter a isso para iniciarem o percurso que compreendiam estar destinados, fosse pelo vento do acaso, fosse pela aleatoriedade da escolha do destino. Sabiam que era preciso praticar “(...) uma série de exercícios de olhar para si, estar atento a si, recolher-se em si”⁷⁸, como a escrita e a leitura, além da problematização de si e do mundo. Era preciso ficar face a face consigo mesmo, recolher o próprio passado, colocar diante de si o conjunto da vida transcorrida, familiarizar-se com os preceitos e os exemplos nos quais se queria inspirar⁷⁹. Ocupar-se consigo era a finalidade em si mesma, mas não como uma atitude individualista.

Só poderiam fazê-lo com êxito tendo o outro como amigo, guia, professor e companheiro. “Em uma amizade, cada um expande especialmente a *si* mesmo”⁸⁰. Cuidar de si mesmo não é um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social. É o outro que deve ajudar a cuidar bem de si mesmo. “(...) não se trata de uma relação com o saber que irá suprir uma ignorância, mas para constituir um corpo, e é exatamente aí que entra o outro”⁸¹. Não é sobre transmitir algo que o outro não sabe ou mostrar a verdade da realidade, mas operar como um mediador na relação do corpo consigo mesmo. É sobre “(...) um conduzir-se para fora de si”⁸². A relação com o outro é indispensável para o estabelecimento da relação consigo mesmo. “Dois

⁷⁶ FOUCAULT, 1985.

⁷⁷ **Vídeo 15:** <https://goo.gl/oCYk6x>

⁷⁸ SCHULER, 2014, p. 79.

⁷⁹ FOUCAULT, 1985.

⁸⁰ FERNANDES, 2013, p. 59, grifo da autora.

⁸¹ SCHULER, 2014, p. 79.

⁸² SCHULER, 2014, p. 80.

corpos que se convêm trazem, um ao outro, um acréscimo de alegria. E cada um dos corpos intensifica a sua própria singularidade”⁸³.

As regras sociais, pouco os interessam. Elas podem ser rudimentares ou complexas, não é relevante aqui. O principal está na relação consigo: a importância é respeitar a si mesmo⁸⁴. “(...) a ênfase é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser”⁸⁵.

Não há uma lei universal a se submeter. Há estilo, como a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência⁸⁶. Há também ética, como “(...) a elaboração de uma forma de relação consigo que permite ao indivíduo constituir-se como sujeito de uma conduta moral”⁸⁷. E há ainda a estética da existência, que clama aos corpos uma vida não conformada com formas de vida padronizadas, que pede que os corpos ajam e reflitam além do próprio individualismo⁸⁸. Com isso, o cuidado de si não deixa de intensificar também a relação com a ação política desses corpos, justamente a partir de uma distância entre eles e o mundo. É essa distância que permite não deixar os corpos se fascinarem pelo objetivo imediato, impedindo a precipitação e permitindo um retorno a si, a partir do qual podem consultar-se e então agir de maneira circunstanciada ao invés de reagir com urgência⁸⁹.

Contudo, para ambos os corpos é necessário prudência, tomar precauções⁹⁰. Todos possuem seus perigos. O corpo com órgãos é um extrato *sobre*, “(...) um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”⁹¹. Ao corpo com órgãos, o perigo há de ser

⁸³ FERNANDES, 2013, p. 58.

⁸⁴ FOUCAULT, 1985.

⁸⁵ FOUCAULT, 1984, p. 30.

⁸⁶ DELEUZE, 1992.

⁸⁷ FOUCAULT, 1984, p. 219.

⁸⁸ BRANCO, 2009.

⁸⁹ GROS, 2006.

⁹⁰ DELEUZE; GUATTARI, 1996; DELEUZE; PARNET, 1998.

⁹¹ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21.

a previsibilidade, a falta de experiência, a constante necessidade de juízo que o impede novos modos de vida e organizam seu corpo, a apatia⁹². O perigo está em permanecer preso a padrões estabelecidos pela sociedade, ficando vulnerável a censuras, repressões, regras, interpretações e automatismos. Com o aprisionamento em um corpo organicamente organizado não é possível se abrir ao fluxo, ao devir, à intensidade, à experimentação de si⁹³. “Há, porém, corpos sem órgãos como envelopes vazios endurecidos, porque fizeram seus componentes orgânicos explodir rápido demais, ‘overdose’”⁹⁴. Ao corpo sem órgãos, o perigo está em se perder em buracos negros, traçar linhas de abolição, de destruição, dos outros e de si mesmo. Corpos cancerosos, fascistas. O perigo está em se perder por uma intensidade que não pode ser suportada ou por um limiar transposto depressa demais. Não é necessário se esvaziar de seus órgãos, mas buscar pontos para desfazer esta organização pacientemente, para que não sejam corpos esvaziados em lugar de plenos⁹⁵. É necessário guardar o suficiente do organismo, algo de organização, ordenação, para que ele se recomponha a cada aurora, para poder avançar nas experimentações, podendo retornar delas quando for desejado⁹⁶. As experimentações de si devem acontecer na arte da justa medida. “É preciso que haja um corpo organizado para abrir o corpo às intensidades, a fim de que se possa transitar entre esses gradientes”⁹⁷.

Uma prudência necessária a todos os corpos: não se apaixonar pelo poder⁹⁸.

“Não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo esta relação com os outros pelo cuidado de si”⁹⁹. Se trata de prover abertura ao incerto e ao informe, não aceitando como única diferenciação o deslocamento de um conjunto a outro já definido¹⁰⁰. O fascismo não é apenas aquele histórico da ditadura militar, ele também está presente nas nossas condutas cotidianas. O fascismo está

⁹² **Vídeo 16:** <https://goo.gl/vNvs1Y>

⁹³ RESENDE, 2008.

⁹⁴ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 168.

⁹⁵ DELEUZE; GUATTARI, 1996.

⁹⁶ **Vídeo 17:** <https://goo.gl/kbYzJ9>

⁹⁷ RESENDE, 2008, p. 73.

⁹⁸ FOUCAULT, 1991.

⁹⁹ GROS, 2006, p. 132.

¹⁰⁰ FONSECA et al., 2008.

em todos nós, desde as formas colossais até as formas miúdas que fazem a amarga tirania do costumeiro. É o que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora. “Assim, cuidar de si mesmo, construir-se eticamente é colocar-se a tarefa de lutar contra o fascista que está em cada um de nós; não para ‘liberar-se’ dele, mas para domá-lo, para não permitir que ele emerja no exercício de seu gosto pelo poder”¹⁰¹. O cuidado com o outro não é uma forma de dominação ou exploração do outro. Um corpo cuida do outro quando cuida de si, uma vez que seu bem-estar está intimamente relacionado ao bem-estar do outro e vice-versa¹⁰². “É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros”¹⁰³. A relação com o outro passa a ser uma dobra da relação consigo mesmo¹⁰⁴.

“Entre o antes e o depois, há o indeterminado, o infinito, tudo o que pode nos fazer pensar em destino. A história está no gerúndio”¹⁰⁵. Os corpos decidem, então, dobrar-se sobre si, inventando histórias. “Quem se lança a essa aventura é convidado a conectar-se com o pulsar da vida em seu corpo e com caminhos para os quais esse pulsar aponta”¹⁰⁶. Conto-lhes agora três experiências vindas do encontro de um corpo com órgãos com um corpo sem órgãos e seus sofrimentos e dores quando fora estagiária de Ciências¹⁰⁷.

A memória fica à espreita, escondida nas sombras das práticas cotidianas, que a aciona como força de intervenção. A memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se. Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares.¹⁰⁸

¹⁰¹ GALLO, 2009, p. 372.

¹⁰² GALLO, 2009.

¹⁰³ FOUCAULT, 2012, p. 266.

¹⁰⁴ **Vídeo 18:** <https://goo.gl/EJ2oZi>

¹⁰⁵ TESSLER, 2003, p. 197.

¹⁰⁶ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183.

¹⁰⁷ **Vídeo 19:** <https://goo.gl/xVYNtN>

¹⁰⁸ MAIRESSE, 2003, p. 267

TOMO 1: VIOLÊNCIA(S)

*Debaixo d'água ficaria para sempre, ficaria contente
Longe de toda gente, para sempre no fundo do mar
Mas tinha que respirar
Todo dia, todo dia
Debaixo d'água, protegido, salvo, fora de perigo
Aliviado, sem perdão e sem pecado
Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar
Mas tinha que respirar
Debaixo d'água tudo era mais bonito
Mais azul, mais colorido
Só faltava respirar
Mas tinha que respirar*

Debaixo D'água - Arnaldo Antunes¹⁰⁹

Às vezes o choro vem como uma lágrima que desce suave, vagando pelas bochechas, e se despede sem mal ter chegado. Às vezes o choro vem como uma cachoeira após uma semana inteira de chuva, potente, que não passa sem ser notada, de um jeito que não lava sem destruir. Assim, meio cachoeira meio represa, peguei o trem. Eram 17:48, quarta-feira. As quartas-feiras eram sempre os dias mais difíceis, essa foi só a primeira delas e talvez por isso mesmo a mais difícil.

Não era raiva, mas eu também não podia negar que deixasse de ser. As palavras explodiam por dentro do meu peito, meus ombros se contorciam, de dor, de peso. Era o peso do mundo que eu tinha destinado-me a carregar. Ao perceber que não aguentaria mais, fui próximo daquelas portas que nunca abrem, esperei alguém sair e me sentei. Imediatamente abri a mochila, coloquei o caderno escorado nos joelhos e empunhei a caneta, como se fosse uma arma. Contra quem, não sei.

Nada saía.

Tinha tanto dentro de mim, tanta palavra, tanto peso, tanto sentimento. Era tanto que eu não sabia como tirar de dentro. Acostumada a me fazer esquecer, a não deixar sair, a esconder para ninguém ver. Havia guardado quase tudo o que sentia a vida inteira, como segredos. Olhei para os pés e pernas a minha volta. Tanto pé e tão pouca cor, tão pouca pele. A cachoeira pingava, fingindo que ninguém via, tentando não se tornar uma atração turística. Arrisquei a primeira letra; então desaguou.

¹⁰⁹ **Vídeo 20:** <https://goo.gl/2tLENg>

“O que aconteceu hoje foi muito dolorido pra mim e me fez repensar porque eu estou **aqui**”. Talvez tenha sido a primeira vez que pensasse naquilo de fato com maturidade, pelas dores mais do que pelas delícias. Assim, obtive a minha primeira resposta temporária, mesmo sem saber onde ou o que era o *aqui*. Não era muito. Tinha frase pela metade, palavra abreviada, rasgada, sangrando. Era como se meu campo de concentração tivesse aberto as portas: fim da guerra, estão todas livres! Mas talvez elas já não saibam correr e só de abrir os olhos já lhes dói muito. Lembrei, então, do clã das cicatrizes, da função dos segredos e de sua eternidade:

Qualquer que seja o segredo, agora compreendemos que ele faz parte das nossas funções para o resto da vida. O seu resgate cura uma ferida que esteve aberta, mas mesmo assim ficará uma cicatriz. Com mudanças no tempo, a cicatriz pode doer e voltará a fazê-lo. Isso faz parte da natureza da verdadeira dor.¹¹⁰

Estação-terminal-Mercado-solicitamos-a-todos-que-desembarquem-nesta-estação-obrigada.

Correia, guarda tudo, levanta rápido para não ser pisoteada. Ainda sentia dores pelo corpo, nas costas, nas pernas, uma vontade de largar tudo, sair correndo. Mas e correr para onde? Desisti.

Limpei a goteira do meu olho, só fez piorar. As lágrimas insistiam em sair, em não parar. Uma vez que a cachoeira começa, difícil fazer parar. Mas tinha muito ainda até chegar em casa. Saí da estação e havia uma fila enorme para o ônibus. Iria de um terminal ao outro. Calculei aproximadamente a quantidade de pessoas, ainda tinha chance de ir sentada se fosse um minhocão. Entrei na fila, a dor nas pernas era intensa. Fui mais para o lado e acendi outro cigarro. A fumaça entrava empurrando as palavras e as sensações: mais uma dose de anestesia, por favor! Eu sabia que aquilo não ajudava, mas falava o mantra interno “foda-se” e seguia para mais um pito. No final do cigarro, acendi outro. Era como um cadeado na minha garganta, mas a minha mente não parava. De tanto vaguear no que tinha acontecido, começou a dor de cabeça, que se juntou com a dos ombros e da nuca.

¹¹⁰ ESTÉS, 2014, p. 431.

Terminei o cigarro e o ônibus ainda não tinha chegado. Mais um cigarro era demais, tinha sido quase uma carteira só hoje. Olhava a cada dois segundos para a rua, quando finalmente ele dobrou a esquina. Entrei e disse boa tarde para o motorista e o cobrador, nenhum dos dois me respondeu. Consegui sentar no corredor.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo. ¹¹¹

Ônibus lotado. Suspirei. Estava tão cansada. Quando me dei conta, acordei no terminal final com uma dor no pescoço maior ainda – tinha dormido o caminho todo de mal jeito e provavelmente de boca aberta, de novo, que vergonha. Dia difícil. Sentia a musculatura enrijecida entre as escápulas, atrás e na frente das orelhas, em todo o pescoço, a testa e a mandíbula. Percebia que um ombro ia em direção ao outro pela frente, encolhendo-me, fechando-me, produzindo uma dor nas costas insuportável, tentando ocultar muito da minha intimidade que teimava em me escapar. Há quantos anos estava nessa posição de um certo esmagamento de mim? Minhas mãos apertavam as têmporas e o rosto, o pescoço balançava de um lado a outro, à procura de um escape, uma válvula qualquer que me reestruturasse. Bem dentro de mim percebia a vida querendo se expressar, falar de si, tornar-se presença¹¹².

Todavia, como fazer para investigar o que pode fortalecer e renovar um determinado corpo? Essa pergunta discorre, especialmente, sobre modos de viver e de estar no mundo. Viver é aprender a olhar, arranjar bons encontros, saber distinguir as próprias matilhas. E isso não se faz senão perambulando, colocando-se na estrada, indo atrás das próprias tribos e dos próprios desertos. Efetivamente, pode ocorrer isto: a relação que outrora fazia o corpo sorrir, criar e desejar, transforma-se em outra coisa, e, de repente, não configurar mais um bom encontro. Por isso, não é possível seguir a vida sem avaliar, seguidamente, se as ligações firmadas ainda trazem alegria, se a rotina estipulada ainda dá gana de viver. Uma vida que se avalia nela mesma não cessa de colocar em questão o trajeto, as alianças, os rumos tomados. As escolhas são dinâmicas e temporárias, não irrevogáveis. ¹¹³

Agora faltava pouco, 10 minutos caminhando e estava em casa. Finalmente.

¹¹¹ DELEUZE, 1992, p. 218, grifo do autor.

¹¹² LIBERMAN; LIMA, 2015.

¹¹³ FERNANDES, 2013, p. 65.

TOMO 2: CORPO(S)

*Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: 'vem por aqui!'
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
(...) Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!*

Cântico Negro - José Régio¹¹⁴

Ouvia o murmúrio de suas conversas de longe. Sem nem pisar na sala, sentia o caos tomar meus pulmões. O caos tem este gosto meio-amargo-meio-doce-meio-azedo, como chorume. Como ideias que foram e agora são outras, como barulho sem música. E assim foi o dia, inútil para quem não conhece sua utilidade, essencial para quem lhe vê além da primeira inspiração. Expirei, inspirei de novo e entrei com o pé direito, procurando bons ventos.

Não sabia bem como lidar com o caos nessa época. Sendo franca, ainda não sei, mas hoje sofro menos. O caos não se controla, não se amarra; com ele se mergulha, conversa-se, deixa-se invadir. A frustração e o cansaço eram sentimentos constantes. Mente exausta de pensar em como responder a todos os estímulos da forma mais saudável para todos. Foram muitas informações simultâneas, muitas particularidades desejando ser sentidas e tocadas. Em meio a tudo isso, uma pergunta invadia-me: como preencher o vazio que havia nos seus desejos flutuantes?

Consegui falar em alguns momentos, verdade. Coloquei perguntas, diversidade de pontos de vista, tudo da maneira que pude. Afinal, dizem por aí que

¹¹⁴ **Vídeo 21:** <https://goo.gl/kQuFS2>

todo mundo faz o melhor que pode. Eles também faziam o melhor que podiam, mas talvez isso não era o suficiente para alcançar as minhas expectativas: e quanto aos MEUS desejos flutuantes?

Alguns encontros elevam, ao máximo, a potência de agir e a força de existir de um corpo, e outros reduzem-nas. Um bom encontro é aquele que convém, alegre, vigora, e intensifica a força de existir. Um mau encontro é aquele que enfraquece e entristece. Portanto, os termos bom e mau expressam, unicamente, a variação da capacidade de agir de um corpo. Sejam quais forem as implicações, nada é bom ou mau terminantemente.¹¹⁵

Calor, cansaço, suor. Sentia ainda o azegridoce do caos e ele me fazia enjoar. Mas o que havia além daquele gosto? Podia apenas sentir o cheiro dos desejos que flutuavam em cima das nossas cabeças, apesar de pouco alcançar um ou outro com a ponta do dedo. Tocava, mas eram tal qual éter, não conseguia agarrar, não podia segurar entre as minhas mãos. E como um vendaval senti atravessar-me, o desespero da falta de controle.

“putinho.viadinho.bichinha”¹¹⁶

Ignorei. Ameacei. Ao mesmo tempo, tinha alguma coisa que gritava dentro de mim. Gritava-me alto, de um jeito que doía. Doeu até rachar os órgãos, a pele toda. “Frequentemente é ao desorientar-se que um corpo volta a escutar, ver, sentir, pensar, e aprender”¹¹⁷. E saiu pela rachadura, como raio atravessando o céu escuro. “Sou gay”, eu disse. Atravancado, bem verdade, mas saiu do jeito que deu, do jeito que dá. Nem lésbica, nem sapatão, nem homossexual. Gay mesmo. A verdade é que nunca se sai do armário de uma vez só e acabou. O caminho de sair é como se fosse um

¹¹⁵ FERNANDES, 2013, p. 64-65.

¹¹⁶ **Hora 3 de poesia no rodapé:**

“Das referências armazenadas no pensamento,
eclode a generalização. Embutido nela, um poder.
De convencimento.

Este domestica, roteiriza, dirige a percepção.

E ela sucumbe à padronização, ao vício, ao hábito.

À repetição.

Desvitalizado, o olhar neutraliza a diferença.

Urge uma revolta contra a rotina do olhar” (TIMM, 2003, p. 166).

¹¹⁷ FERNANDES, 2013, p. 24.

boomerang, nunca para. Abre-se a porta tantas vezes, coloca o pé para fora, aí vem alguém correndo e te empurra de volta: “tu tem namorado?”. Tem coisa que parece que não passa com o tempo.

Ao sair, trouxe um arrepio na espinha, um frio, uma vontade de chorar, de sair correndo. “O corpo pesa. Silencia. Hesita”¹¹⁸. Alguns deles nem me ouviram, outros só fingiram não me ouvir, outros ainda cochicharam e riram, outros ficaram tranquilos. Todos me olhavam. O olhar escapa, o olhar sempre escapa. A percepção pelo olhar coloca-se pequena, molecular, enraizada na corporeidade enquanto sensibilidade e motricidade. Quando transposto, o olhar a ato, e acessando estados e acontecimentos que ainda não podem ser nomeados, reflete-se numa linguagem não verbal, “(...) apta a lançar e captar forças, sinais ínfimos, quase invisíveis. Trata-se de uma linguagem das percepções sutis que procuram seu caminho para a expressão”¹¹⁹. O olhar percebe, mas bem serve para coagir. Suas margens são turvas, difícil delimitar onde um termina e outro começa, a intencionalidade também é imprecisa, até que seja possível captar as cintilações do invisível. O olhar atinge. “Essas micropercepções estão em relação com o imperceptível, os movimentos da ordem do devir, puros afetos que se inscrevem nos limiares da percepção”¹²⁰.

“A pausa é germe do provir, sem ela não existem as discontinuidades que proporcionam o aprendizado”¹²¹. Ela mapeia o terreno para compor algo novo.

Uma pausa, era tudo o que todas nós precisávamos¹²².

¹¹⁸ FERNANDES, 2013, p. 22.

¹¹⁹ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 188.

¹²⁰ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 188.

¹²¹ FERNANDES, 2013, p. 18.

¹²² **Vídeo 22:** <https://goo.gl/YwXGwL>

TOMO 3: TEMPO(S)

*Pensou que eu ando só? Atente ao tempo!
Não começa, nem termina, é nunca, é sempre
É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça
(...) Onde vai, valente?
Você secou, seus olhos insones secaram
Não veem brotar a relva que cresce livre e verde longe da tua cegueira
Seus ouvidos se fecharam a qualquer música, a qualquer som
Nem o bem, nem o mal pensam em ti, ninguém te escolhe
Você pisa na terra, mas não a sente, apenas pisa
Apenas vaga sobre o planeta, e já nem ouve as teclas do teu piano
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona, não tem alma
Você é o oco, do oco, do oco, do sem fim do mundo
(...) Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, mas nenhuma
espada corta*

Carta de amor - Maria Bethânia¹²³

“Sora, tu viu que hoje de madrugada morreu uma travesti aqui em Canoas?”¹²⁴

Senti um arrepio na espinha, uma vontade de chorar. As lágrimas me vieram de todos os lugares do corpo até os cantinhos dos olhos e desceram de volta. O choro foi engolido como se fosse uma fraqueza. Às vezes a gente tem disso, de confundir fraqueza com sensibilidade.

Não era uma pergunta, o que ela tinha dito, era de outra ordem. E eu não sabia o que falar. Os olhares dos outros me perguntavam alguma coisa entre “tu vai ignorar o que ela falou” e “tu vai mesmo falar sobre isso?”. Tem toda uma olharmancia nisso de aula, uma adivinhação, uma entrega, um monte de sentimento sem-nome. E às vezes, quase sempre, quando a gente levanta os tapetes, saem correndo umas monstrixas, que nem aquelas bolinhas pretas curiosas, de olhos enormes, que aparecem nO *Meu Amigo Totoro*¹²⁵. Às vezes sai cada uma correndo para um lado, às vezes saem correndo todas juntas, as monstrixas. Tem gente que levanta o tapete, vê essas monstrixas e esmaga. Quando são esmagadas, viram pó. Quando não são esmagas tem toda uma possibilidade, todo um devir bastante único.

¹²³ **Vídeo 23:** <https://goo.gl/GJRPEo>

¹²⁴ **Vídeo 24:** <https://goo.gl/QZdi1Q>

¹²⁵ TONARI NO TOTORO. Direção: Hayao Miyazaki, Produção: Hayao Miyazaki. [N.I.], Japão: Studio Ghibli, 1988.

Respirei fundo. Às vezes parece que o tempo para quando vem uma fala assim, do nada, que rasga o espaço e o infinito e traz do seu fundo, bem de dentro, um desses sentimentos ainda sem nome. Tem coisas que corroem a gente; acho que corroeram ela também. Tinha um tom de normalidade na voz dela, uma normalidade meio acostumada com estes mares de ácidos que tem corroído tudo o que vê pela frente. Mas tinha também um tom de desespero, meio escondido, talvez para não mostrar alguma fraqueza. Eu entendo ela, em não querer mostrar o desespero e a fraqueza. Quantas vezes não me peguei desviando de notícias assim? Como era difícil sentir às vezes. E mesmo evitando aquilo me doía tão dentro. Acho que doía para todo mundo ali. Era o transfeminicídio, a homofobia, o racismo, a gordofobia, o machismo, a violência contra a mulher, contra a criança... Todo mundo ali tinha alguma coisa que fazia doer fundo em si. Na minha prática de olharmancia, eu via suas dores e seus sofrimentos através dos olhares. Estavam enterrados, mas eram de um vermelho escarlata que reluzia quando eu olhava, impossível de ignorar e difícil de saber o que fazer.

Na tentativa, pedi para amigas e amigos meus escreverem depoimentos de situações de discriminação que tinham vivido na escola e como aquilo tinha mudado suas vidas. Eram inúmeros depoimentos, algumas vezes quilométricos, com detalhes ínfimos e íntimos do que tinham vivido (e morrido) na escola¹²⁶. Lembrei das minhas dores e dos meus sofrimentos quando fora estudante, das frases, dos rostos, dos gestos...

O corpo se lembra, os ossos se lembram, as articulações se lembram. Até mesmo o dedo mínimo se lembra. A memória se aloja em imagens e sensações nas próprias células. Como uma esponja cheia de água, em qualquer lugar que a carne seja pressionada, torcida ou mesmo tocada com leveza, pode jorrar dali uma recordação.¹²⁷

Lembrei de tudo. Lembrei também novamente porque eu queria ser professora e o que significava, para mim, ocupar hoje aquele espaço. Era uma dinâmica sobre as opressões que estavam acontecendo ali, mas também era sobre as que aconteciam fora daquelas paredes, fora daqueles muros. Era sobre a morte, mas também era *sobreviver*. Era para levantar o tapete, sacudir ele e observar as

¹²⁶ **Vídeo 25:** <https://goo.gl/1p4ueQ>

¹²⁷ ESTÉS, 2014, p. 230.

pequenas monstrixhas, mesmo que a gente não soubesse direito o que fazer com elas.

Levei os depoimentos e as fotos, queria que vissem os rostos de quem, como elas e eles, tinha sofrido também, mas vivido para contar cada uma daquelas histórias. No final do primeiro depoimento, *muitas risadas*. Intervi. Não era saudável rir com o fascismo, tomar sua mão e lhe ser íntima. De que servia essa intimidade? “Teríamos esquecido que o fascismo tende a se alojar no corpo para fazer do ser humano uma figura esquelada em estratégias, ignorante em políticas e apaixonada pelo poder que a explora?”¹²⁸ Adverti: “quem está rindo ou é porque sofre exatamente isso, ou é porque já fez isso, e isso é bem horrível”. As risadas cessaram. Talvez fosse só de nervoso. Talvez o que eu tinha dito tinha lá sua verdade. Também vi olhos brilharem, bocas abrirem e testas enrugarem. Acho que as monstrixhas estavam tomando outra forma, mas isto estava bem longe do meu controle. A gente tem uma mania de querer controlar tudo, mas as monstrixhas são incontroláveis.

No final da aula um menino me perguntou: “o sora, o que tu falaria pra alguém que não concordasse com um homem namorando outro homem ou se vestindo de mulher?”. Acho que essa foi uma das respostas mais fáceis do estágio inteiro: “falaria pra essa pessoa que ela não tem nada a ver com a vida dessas outras pessoas, por mais que não concorde, e que, por isso mesmo, não tem o direito de agredir alguém ou decidir sobre a vida dessa pessoa”¹²⁹.

No final da aula, eu saí com uma vontade de chorar tão grande. O desespero bateu-me, espancou-me, até quebrar todos os dentes e as costelas. Parecia que estava tudo perdido, tudo sem jeito. Parecia que o chão saía dos meus pés, meus pulmões apertavam, o ar parou de entrar. Deu um vazio tão grande. Um aperto.

Depois de mais vários períodos, ainda de tarde e de noite, cheguei em casa, deitei e comecei a chorar. O colchão tocando o lado direito do meu corpo, meus braços abraçando meus joelhos, as costas curvadas para frente e as lágrimas caindo. Eu nem

¹²⁸ SANT’ANNA, 2009, p. 93.

¹²⁹ **Vídeo 26:** <https://goo.gl/GMXkUn>

sabia direito porque eu estava chorando. Não tinha motivo nenhum e ao mesmo tempo eu tinha todos os motivos. O mundo estava colapsando e eu não podia fazer nada sobre isso. Eu estava tão cansada. De tudo. De todos. E a recém era segunda-feira! Ainda tinha a semana toda, tinha que preparar aula, dar aula, ir de um lado para o outro, três cidades, seis disciplinas, estágio, trabalho, casa... E eu só estava tão tão cansada. De tudo. De todos. Eu não tinha nem tempo para chorar! Que vida *merda* que as pessoas não têm tempo nem para chorar?!

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo.¹³⁰

Depois de uns 40 minutos, consegui reparar a represa quebrada. Já era madrugada. Fui até o banheiro, lavei o rosto, escovei os dentes, voltei para o quarto, fiz o relatório de aula, planejei a aula da tarde do dia seguinte, planejei a aula da noite, arrumei a mochila com o material, fui até a cozinha, preparei e separei os lanches na geladeira, lavei a louça, varri a cozinha, voltei para o quarto, coloquei o pijama, desliguei o computador, apaguei as luzes e deitei. Minha gata entrou no quarto e, antes de pegar no sono, enquanto fazia carinho nela, meu último pensamento do dia foi: “que merda não ter tempo nem para chorar”.

Estamos emaranhados em uma multiplicidade de eventos cotidianos. Todos os dias, encontramos-nos envolvidos por um complexo de coisas que ora desviam nossa atenção para um lado, ora provocam o tropeço de nosso olhar, direcionando-o para outros pontos. Inventamos eternas dívidas em relação ao nosso projeto de construir o futuro. Criamos pequenas rotinas, a fim de organizar a vida: escovar e trançar o cabelo todos os dias, lavar as mãos antes e após as refeições, olhar pela janela do avião, quando não restamos nada mais a fazer em nossos trânsitos aéreos, no momento em que estes tornam-se também rotina. De manhã, estender os lençóis, entender o tempo escondido por trás daquilo que a gente vê.¹³¹

Um tempo depois, nos meus últimos minutos do meu último dia lá naquela escola, soube que tinha um pai de um deles que tinha se assumido *gay* há pouco e o menino não estava sabendo como lidar com a situação. Quase uma ironia do destino, se fosse engraçado. Nunca soube quem era o menino.

¹³⁰ BONDÍA, 2002, p. 23.

¹³¹ TESSLER, 2003, p. 196.

CRIAR ESPAÇO

Orientar-se na vida implica descontinuidades, paragens, perceptibilidade, intuição, e coragem para juntar-se com os seres e as coisas que avivam aquilo que há de mais potente em cada um; e, ainda, saber desligar-se daquilo e daqueles que ativam o que cada um tem de mais fraco e vil.¹³²

A história do(s) corpo(s) nos propiciou a pausa e com ela seguiu-se algo de aprendizado¹³³. Aprendizado deste jeito mesmo, sem nome e múltiplo de cada corpo. Dizer sobre o que foi essa história seria balbuciar palavras sem certeza alguma. Mais fácil seria dizer sobre o que não foi: essa não foi uma história de sucesso. Fracasso, então? Também não. Talvez algo de sofrimento, padecimento, receptividade¹³⁴. “Aqui já não se trata de alucinar um dentro para sempre feliz, mas, sim, de criar condições para realizar a conquista de uma certa serenidade no sempre devir outro”¹³⁵. Não é tão simples assim falar sobre um tempo flutuante que não pulsa nos relógios, cronômetros ou escalas¹³⁶. O tempo da escola é efêmero ao mesmo tempo que eterno e desse jeito, paradoxal, é nossa história – como o caminhar de um equilibrista¹³⁷. Potencializamos o que se passou no *entre*¹³⁸. Assim, pudemos nos instalar no terreno arenoso e movente das “(...) sensibilidades produzidas nos processos de subjetivação que definem modos de olhar, viver e se relacionar com a intenção de deslocar, problematizar, criar pequenas e potentes possibilidades de aproximação com o campo da corporeidade”¹³⁹. Para alcançar os limites da própria percepção, foi necessário aceitar o convite e jogar-se na água, mas não apenas molhar-se, também fazer-se presente ao acontecimento, colocando-se à espreita do devir.

Não existe nenhuma fórmula para esta invenção, mas alguns fins norteiam a preparação de um corpo para entrar num estado de concentração aberta, de prontidão, de presença, o que o torna suficientemente poroso para que algo aconteça.¹⁴⁰

¹³² FERNANDES, 2013, p. 66.

¹³³ **Vídeo 27:** <https://goo.gl/DaWLTF>

¹³⁴ BONDÍA, 2002, p. 25.

¹³⁵ ROLNIK, 1997b, p. 33.

¹³⁶ FERNANDES, 2013.

¹³⁷ **Vídeo 28:** <https://goo.gl/Yd31QM>

¹³⁸ COSTA, 2014.

¹³⁹ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185.

¹⁴⁰ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185.

Nem sempre os encontros são agradáveis, ousado dizer inclusive que talvez os mais interessantes não o sejam. Não nos esqueçamos que “(...) é da centelha de duas espadas, e não da sua inutilidade, que nasce o conhecimento, a criação e, talvez, a vida”¹⁴¹. Apesar e essencialmente por isso, os corpos precisam do(s) encontro(s), ou então acabam por se tornar frágeis ou duros demais¹⁴². “Assim é, quando nos deixamos atravessar e redesenhar por outros que nos visitam, muitas vezes se instalando e se tornando parte de nós mesmos”¹⁴³. De nada adianta a areia enquanto solo ou a certeza do copo de vidro. Tanto um quanto outro se apresentam em desespero na busca de algo ainda não dito, não tocado, não sentido. Há uma busca por um grau interessante de porosidade: um corpo excessivamente poroso, de forma que o mundo lhe atravessasse sem que o toque, é tão cativo quanto um corpo denso, compacto¹⁴⁴. Por isso o encontro se torna mais e mais potente, na busca de se “(...) estar suficientemente poroso a estas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças”¹⁴⁵. Para um, é importante que abnegue de seus órgãos. Para outro, “(...) trata-se de criar e densificar contornos, membrana (...)”¹⁴⁶. Para ambos, a experiência é necessária com prudência¹⁴⁷.

Trata-se de um exercício permanente de sensibilidade, de vitalização de corpos e relações, com aproximações e afastamentos que ampliam e redimensionam repertórios pessoais, existenciais e profissionais, para que o[s] corpo[s] amplie[m] sua[s] capacidade[s] de afetação.¹⁴⁸

Com o pensamento potencializado¹⁴⁹, os corpos se fizeram perguntas: “Como escapar aos comportamentos excessivamente mecanizados e conformados? Como enfrentar essas formas corpóreas pré-dadas, produzidas em outras situações e que já não nos servem mais?”¹⁵⁰. Como “(...) desconstruir modos de funcionamentos dos corpos para que algo possa ser inventado, (re)construído, (re)organizado na contramão de certos automatismos que anestesiam os corpos e as vidas”¹⁵¹? O que

¹⁴¹ SANT’ANNA, 2009, p. 93.

¹⁴² **Vídeo 29:** <https://goo.gl/ZYyh5>

¹⁴³ MAIRESSE, 2003, p. 260.

¹⁴⁴ LIBERMAN; LIMA, 2015.

¹⁴⁵ COSTA, 2014, p. 67.

¹⁴⁶ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185.

¹⁴⁷ DELEUZE; GUATTARI, 1996; DELEUZE; PARNET, 1998.

¹⁴⁸ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185.

¹⁴⁹ BIRMAN, 2006.

¹⁵⁰ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 189.

¹⁵¹ FERRACINI et al., 2014, p. 225.

fazer para não se apaixonar pelo poder? Como desentranhar o fascista incrustado em nossa pele e nossos órgãos¹⁵²? Porém apenas lhe vieram de respostas ainda mais perguntas. Compreenderam, então, “(...) que nós nos questionamos na medida em que estabelecemos relações com aquilo que nos faz questionar”¹⁵³. Para um corpo potente, as perguntas nunca se esgotam. Com isso, trouxeram outro ponto de interrogação para se juntar à multidão: o que pode um corpo, afinal? Culpa, máquina, negócio ou festa¹⁵⁴?

“A cada encontro, uma experimentação de *si*. A cada experimentação de *si*, uma nova rede de afectos e de encontros é iniciada”¹⁵⁵. Desde o momento inicial dessa história do encontro entre os corpos, houve uma moral diferente da moral fascista que nega o outro, houve uma moral que afirma a si mesma e ao outro¹⁵⁶. Ali talvez tenha sido a pequena fagulha do cuidado de si¹⁵⁷. Os corpos também precisaram superar suas limitações internas, seus egoísmos, seus interesses meramente pessoais, enfim, seus pequenos fascismos para conseguirem ter cuidado consigo mesmos – “(...) é o domínio de si que funda a possibilidade de uma política que não esteja calcada no domínio do outro”¹⁵⁸. A transformação das relações deles com eles mesmos foram lutas necessárias, exigindo uma modificação ética de suas perspectivas unilaterais e centradas tão somente em seus interesses¹⁵⁹. “A ética do cuidado de si é a ética do fazer de si mesmo um não-fascista; a política, como cuidado do outro, é a arte de produzir, coletivamente, uma vida não-fascista, tomando distância do poder como instrumento puramente de dominação”¹⁶⁰.

Inspira, expira, cria espaço¹⁶¹. Por fim, os corpos percebem algo simples, profundo e fundamental: a vida pede mais, a vida pode mais. Mas, spinozisticamente falando, à/a vida não lhe deve nada; o que lhe potencializa são os encontros. “E são

¹⁵² FOUCAULT, 1991.

¹⁵³ COSTA, 2014, p. 73.

¹⁵⁴ **Hora 4 de poesia no rodapé**: “Ventana sobre el cuerpo: La Iglesia dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice. El cuerpo es una máquina. La publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta” (GALEANO, 2001, p. 109).

¹⁵⁵ FERNANDES, 2013, p. 64.

¹⁵⁶ GALLO, 2009.

¹⁵⁷ **Vídeo 30**: <https://goo.gl/aozXRx>

¹⁵⁸ GALLO, 2009, p. 366.

¹⁵⁹ BRANCO, 2009.

¹⁶⁰ GALLO, 2009, p. 375.

¹⁶¹ “Viver exige sensibilidade” (CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 229).

por essas frestas e sussurros de ar que a vida mostra sua perseverança em existir. Vida perseverando na própria existência de vida”¹⁶².

Nos encontros, expressam-se e se produzem diferentes graus de abertura, diferentes graus de intensidade; turbulências acontecem, geram-se outros repertórios existenciais que se solidificam. Pequenos eventos podem reverberar em outros modos de funcionar, viver e apresentar-se frente ao outro, criando realidades.¹⁶³

Aos encontros, ao mesmo tempo que singulares e únicos, sobra-lhes o inusitado e o zigue-zague de terem transitado pela multiplicidade dessa contação de história(s) e desses corpos (que estão aí e que estão aqui). Por isso mesmo, aos encontros, apenas lhes resta que sejam povoados¹⁶⁴.

A princípio, o tempo passado com a Mulher Selvagem é difícil. Recuperar o instinto ferido, eliminar a ingenuidade e, com o tempo, aprender os aspectos mais profundos da psique e da alma, guardar o que tivemos aprendido, não voltar as costas, defender aquilo que representamos... tudo isso exige uma resistência mística e infinita. Quando emergimos de volta do outro mundo depois de uma das nossas incursões por lá, por fora pode parecer que não mudamos, mas por dentro reconquistamos um vasto território feminino e selvagem. **Na superfície, ainda somos simpáticas, mas debaixo da pele decididamente não somos mais mansas**^{165, 166}

E se você pudesse conversar com esse(s) corpo(s),
perguntaria-lhes algo ou faria uma afirmação¹⁶⁷?

¹⁶² FERRACINI et al., 2014, p. 230.

¹⁶³ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 190.

¹⁶⁴ COSTA, 2014.

¹⁶⁵ ESTÉS, 2014, p. 508, grifo meu.

¹⁶⁶ **Vídeo 31:** <https://goo.gl/ZwEYHm>

¹⁶⁷ **Vídeo 32:** <https://goo.gl/vLD7tj>

LEITURAS E SENSAÇÕES: REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Violências nas escolas: versão resumida*. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* (Rio de Janeiro). 2002; 19:20-28 [acesso 2017 Novembro 27]. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>.

BRANCO, Guilherme Castelo. Anti-individualismo, vida artista: uma análise não-fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 143-151.

BRUM, Eliane. *A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

CORSEUIL, Lucien Soldera; COSTA, Luciano Bedin da. Encontros fortuitos: notas biografêmicas sobre o prazer da aula. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 214-238.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV* (Santa Maria). 2014; 7(2):66-77 [acesso 2017 Outubro 26]. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. [acesso 2017 Novembro 22]. Disponível em

<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_-parnet-c-dic3a1logos.pdf>.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FERRACINI, Renato; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; CARVALHO, Sergio Resende de; LIBERMAN, Flavia; CARVALHO, Yara M. de. Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. *Urdimento*. 2014; 1(22):219-232. [acesso 2017 Outubro 25]. Disponível em <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014219/3210>>.

FERNANDES, Rosana Aparecida. *Passeios esquizos: cinema, filosofia e educação*. Maceió: EDUFAL, 2013.

FONSECA, Tania Mara Galli; THOMAZONI, Andresa Ribeiro; COSTA, Luis Artur; SOUZA, Vera Lúcia Inácio de; LOCKMANN, Vivian da Silva. Microfascismos em nós: práticas de exceção no contemporâneo. *Psicologia Clínica*. 2008; 20(2):31-45. [acesso 2017 Novembro 27]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a03v20n2.pdf>>.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. Introdução a uma vida não-fascista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991 [acesso 2017 Novembro 27]. Disponível em <<https://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20Anti-edipo%20-%2022jun13.pdf>>.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Catálogos, 2001 [acesso 2017 Novembro 22]. Disponível em <<https://static.telesurtv.net/filesOnRFS/news/2015/04/13/laspalabrasandantes.pdf>>.

GALLO, Sílvio. Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não-fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 363-376.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 127-138.

KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José Simões; COSTA, Luis Artur; ANDREOLI, Giovani Souza. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 91-101.

LIBERMAN, Flavia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. *Interface* (Botucatu). 2015; 19(52):183-194 [acesso 2017 Outubro 24]. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000100183&lng=en&nrm=iso>.

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 259-271.

MOLIN, Fabio Dal; KREUTZ, José Ricardo; DORNELLES, Juliana Leal. Corpolumetempoiesis: o vivo a ser pesquisado. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 113-128.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um roteiro para Clio. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 103-111.

PUCHEU, Alberto. O dia em que Gottfried Benn pegou onda. *Floema. Caderno de Teoria e História Literária* (Itapetinga, BA). 2011; 8:107 [acesso 2017 Novembro 27]. Disponível em <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/449/473>>.

RESENDE, Catarina. A escrita de um corpo sem órgãos. *Fractal Revista de Psicologia*. 2008; 20(1):65-76 [acesso 2017 Novembro 27]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n1/a10v20n1.pdf>>.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel S. (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 25-34.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Dietética e conhecimento de si. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 83-93.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHULER, Betina. Por entre escritas, leituras e cadeiras: o procedimento genealógico e o cuidado de si. In: SCHULER, Betina; MATOS, Sônia Regina da Luz; CORAZZA, Sandra Mara (Orgs.). *Caderno de notas 6: Experimentações de escrita, leitura e imagem na escola*. Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2014, p. 69-123.

SOUSA, Edson Luiz André de. Utopias como âncoras simbólicas. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 63-67.

TESSLER, Elida. O esquecimento doeu – ver e rever o tempo. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 191-206.

TIMM, Liana. Ima(r)gens. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 163-175.